

OS OBJETOS RELACIONAIS DE LYGIA CLARK NA CLÍNICA DA PSICOSE: UMA REFLEXÃO PSICANALÍTICA¹

Carolina Giroto de Oliveira²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente artigo tem o intuito de refletir sobre o uso dos Objetos Relacionais da artista Lygia Clark no tratamento terapêutico da psicose a partir do trabalho realizado pelo psiquiatra Lula Wanderley com a obra de Clark no Instituto Municipal Nise da Silveira. Para essa finalidade, foi feita uma revisão narrativa sobre o trabalho de Lygia Clark, como também sobre a psicose pelos escritos de Freud, Lacan e seus comentadores. Além disso, foi feita uma descrição interpretativa sob a luz da teoria psicanalítica dos casos clínicos escritos e publicados por Wanderley. É possível perceber que, apesar de Clark e Wanderley não serem psicanalistas, o trabalho deles tinha pontos em comum com a Psicanálise. Através de experiências sensoriais tácteis, Clark buscava acessar conteúdos inconscientes recalçados em sujeitos borderlines, enquanto Wanderley pretendia acolher sem julgamento a produção delirante de pacientes psicóticos. Espera-se que novos estudos sejam feitos com o objetivo de incentivar a expressão artística como uma ferramenta terapêutica, fugindo da visão psiquiátrica reducionista e medicalizante que silencia a psicose.

Palavras-chave: Lygia Clark. Arte. Psicanálise. Psicose.

THE RELATIONAL OBJECTS OF LYGIA CLARK IN THE CLINIC OF PSYCHOSIS: A PSYCHOANALYTIC REFLECTION

ABSTRACT:

The present article intends to reflect on the use of Lygia Clark's Relational Objects in the psychosis' therapeutic treatment based on the work carried out by psychiatrist Lula Wanderley with Clark's work at the Nise da Silveira Municipal Institute. For this purpose, a narrative review was conducted on Lygia Clark's work, as well as on psychosis through the writings of Freud, Lacan, and their commentators. Additionally, an interpretative, psychoanalytic description was made under of the clinical cases written and published by Wanderley. It is noticeable that, although Clark and Wanderley were not psychoanalysts, their work had similarities with Psychoanalysis. Through tactile sensory experiences, Clark sought to access repressed unconscious contents in borderline subjects, whereas Wanderley aimed to non-judgmentally

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas clínicas. Recebido em 18/05/2024 e aprovado, após reformulações, em 18/06/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: carolgiroto@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Pontifícia Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: rcacastelo@bol.com.br.

embrace the delusional production of psychotic patients without judgment. It is hoped that new studies will be conducted aiming the encouragement of artistic expression as a therapeutic tool, moving away from the reductionist and medicalizing psychiatric view that silences psychosis.

Keywords: Lygia Clark. Art. Psychoanalysis. Psychosis.

1 INTRODUÇÃO

O uso da arte como possibilidade terapêutica no campo do cuidado em saúde mental emergiu durante a Reforma Psiquiátrica Brasileira, que propôs medidas mais humanizadas no tratamento da loucura (Vitorino; Prudente, 2022). Nesse contexto, a obra *Objetos Relacionais*, proposta em 1966 por Lygia Clark, passou a fazer parte do tratamento de pacientes psicóticos esquizofrênicos que frequentavam o Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro na década de 1990, através do médico psiquiatra Lula Wanderley (2002).

Lygia Pimentel Lins, conhecida como Lygia Clark (2021)⁴, foi uma artista mineira que nasceu em 1920 e faleceu em 1988. Ela ficou internacionalmente conhecida por seus quadros e esculturas de figuras geométricas e por suas proposições artísticas que exploravam o tato do espectador. Seu trabalho mais conhecido, os *Objetos Relacionais*, visavam colocar o corpo e os afetos do público no lugar da obra de arte através de experiências sensoriais tácteis realizadas com elementos do cotidiano, como sacos e almofadas (Wanderley, 2021).

Atualmente, Lygia Clark (2021) é reconhecida como uma das maiores artistas brasileiras do século XX. O seu trabalho com os *Objetos Relacionais*, que por muito tempo foi criticado no meio artístico e recebeu o status de não-arte, hoje é visto como uma expressão artística revolucionária entre os críticos de arte. Importantes espaços institucionais, como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Memorial Minas Gerais Vale, possuem exposições permanentes de sua obra. Esse ano, em 2024, sua história de vida e sua produção ganharam mais visibilidade com a exposição Lygia

⁴ Todas as citações e imagens de Clark foram retiradas do Portal Lygia Clark, site desenvolvido pela Associação Cultural Lygia Clark em 2021. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/>. Acesso em 08 mar. 2024.

Clark: Projeto para um planeta na Pinacoteca de São Paulo e a peça teatral LYGIA no Centro Cultural Inclusartiz.

As narrativas clínicas da prática terapêutica de Wanderley na clínica da psicose com os Objetos Relacionais são relatadas nos livros **O dragão pousou no espaço** (Wanderley, 2002) e **No silêncio que as palavras guardam** (Wanderley, 2021) de forma livre sem abordagem teórica psicológica definida. Sendo assim, justificou-se a importância do presente estudo pela ausência de uma fundamentação teórica para tais relatos clínicos. Além disso, visto que a luta antimanicomial continua, é importante pensar em alternativas para o tratamento psiquiátrico reducionista e biologizante, questão pontual neste estudo.

Diante disso, surgiu o problema: do ponto de vista psicanalítico, qual foi a intencionalidade dos Objetos Relacionais de Lygia Clark no tratamento dos pacientes psicóticos esquizofrênicos relatados e publicados nas obras de Wanderley (2002, 2021)? A hipótese era que o uso de objetos de formas maleáveis em corpos despedaçados de pessoas esquizofrênicas tenha promovido uma espécie de metáfora delirante que levou a estabilização. Apesar de não estar nos moldes da arte tradicional, os Objetos Relacionais são uma produção artística (Wanderley, 2021) e, para a Psicanálise, a sublimação criadora da arte pode construir uma metáfora delirante que faz laço no campo social, permitindo a estabilização da psicose (Guerra, 2010).

Sendo assim, o objetivo geral do estudo foi refletir sobre o uso dos Objetos Relacionais de Lygia Clark na clínica da psicose a partir da leitura dos casos clínicos trabalhados por Lula Wanderley. Os objetivos específicos foram descrever o percurso da obra de Lygia Clark, explicar a perspectiva da Psicanálise sobre a relação da psicose, principalmente da esquizofrenia, com o corpo, compreender a estabilização na psicose e o manejo clínico nas redes substitutivas de tratamento e correlacionar o uso dos Objetos Relacionais na clínica da psicose com a teoria psicanalítica.

Para tanto, a metodologia utilizada foi uma descrição interpretativa sob a ótica da teoria psicanalítica de dois casos clínicos publicados nos livros de Wanderley (2002, 2021). Para realizar tal descrição, anteriormente foi feita uma pesquisa bibliográfica, mais especificamente uma revisão narrativa, da obra de Lygia Clark na segunda seção do artigo e dos textos sobre a psicose escritos por Freud, Lacan e

seus comentadores na terceira seção. A revisão narrativa não exige um protocolo rígido, sendo a seleção dos textos realizadas de acordo com o viés do pesquisador de maneira arbitrária (Cordeiro; Oliveira; Rentería; Guimarães, 2007). Dessa forma, a pesquisa foi exploratória e qualitativa, visto que se pretendia estudar os casos relatados sem pretensão de generalizar resultados ou criar dados estatísticos.

2 O PERCURSO ARTÍSTICO DE LYGIA CLARK E OS OBJETOS RELACIONAIS

Lygia Clark (2021) foi uma das fundadoras do movimento artístico Neoconcretismo que surgiu na década de 50 com a intenção de se opor ao Concretismo da década de 40 que valorizava a objetividade, o racionalismo e a cientificidade. Dessa forma, os artistas neoconcretos defendiam que a arte deveria ser um meio de se expressar de forma sensível e subjetiva, investigando a relação entre homem e mundo. Marquez (2009, p.70) afirma que cada artista neoconcreto desenvolveu sua arte de uma maneira única, sendo que “Lygia Clark, na tentativa de eliminar a moldura e a distância contida na percepção do quadro, escolheu o tato como o sentido privilegiado na sua obra”.

Com esses ideais, em 1960, a partir de esculturas geométricas que chamou de Bichos (FIGURA 1), Clark (2021) começou a propor a coparticipação do público, pedindo que manipulassem a obra com as mãos para que a relação entre obra e espectador, até então restrita ao campo visual, se tornasse efetiva.

FIGURA 1 - BICHO

FONTE: CLARK, 1960⁵

Desse momento em diante, todo o trabalho de Clark (2021) visou colocar o público em um papel ativo, fazendo com que a arte deixasse de ser estática e fosse considerada como o próprio ato realizado pelo participante em formato de experimentação. Clark passou a rejeitar os termos “obra” e “objeto” e defender o uso da palavra “proposição” para referenciar o seu trabalho, assim como mudou sua autodenominação para “não-artista” e “propositora” (Carvalho, 2011).

A partir de 1966, se dedicou ao uso de objetos do cotidiano, como pedras, conchas, água, sementes e sacos, para promover experiências sensoriais, criando a obra/proposição *Objetos Relacionais*. Esses objetos foram chamados de relacionais porque sozinhos não tinham significado nenhum, mas, ao entrar em contato com o corpo, promoviam sensações e afetavam a subjetividade do indivíduo, resultando em diferentes significados de acordo com cada pessoa que era tocada (Torralba, 2018; Wanderley, 2002).

Pesquisadores das áreas de Psicanálise e artes estabelecem uma correlação entre esse trabalho de Lygia Clark e os objetos transicionais do psicanalista Winnicott (1975), que são as cobertinhas, os brinquedos ou qualquer objeto que o bebê elege para suprir a ausência materna e se torna uma defesa contra a ansiedade. Para tais autores, tanto os objetos transicionais, quanto os *Objetos Relacionais* são feitos de uma materialidade precária, ganham sentido na relação com o sujeito, funcionam

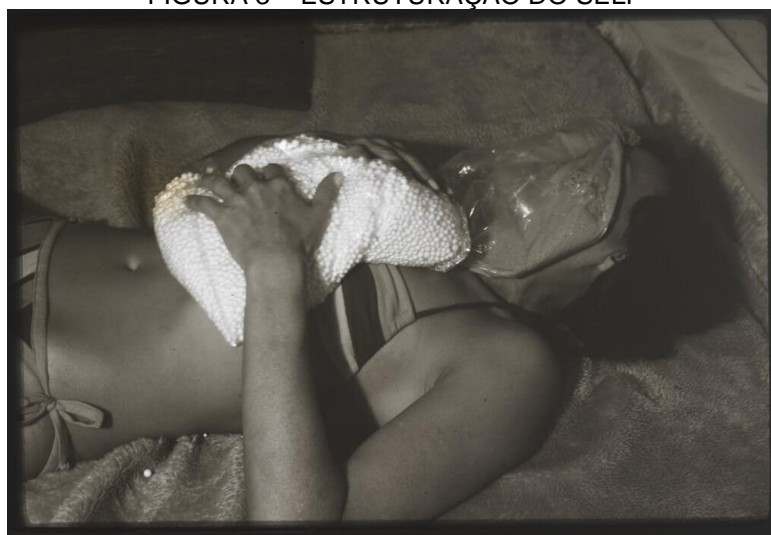
⁵ CLARK, Lygia. **Bichos**. 1960. 1 fotografia. 1024x950 pixels. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/61418/bicho>. Acesso em 30 set. 2023.

como um espaço intermediário entre o mundo interno e o externo, se tornam uma extensão do corpo e permitem um viver criativo (Brussolo, 2016).

Essa proposição surgiu nas exposições brasileiras, mas, em 1970, Lygia Clark (2021) mudou-se para Paris para dar aulas na Faculté d'Arts Plastiques Saint Charles e passou a usar os objetos em sessões grupais com seus alunos. Lá se interessou ainda mais pela Psicanálise ao ser analisada pelo psicanalista francês lacaniano Pierre Fédida. Clark começou a se apropriar de termos psicanalíticos em seus textos e tentou trabalhar junto com Françoise Dolto, pediatra, psicanalista e estudiosa da relação do corpo com o inconsciente, porém não teve êxito (Almeida, 2017).

De volta ao Rio de Janeiro, em 1976, abandonou sua análise pessoal e sua proposta grupal e iniciou o projeto Estruturação do Self (FIGURA 3) em uma sala do seu apartamento, que Clark chamava de consultório. Esse projeto consistia em sessões individuais com seus clientes onde a artista passava os Objetos Relacionais pelos corpos deles em uma espécie de massagem e depois deixava-os parados sobre o corpo por cerca de quarenta minutos com intuito de provocar sensações que fossem terapêuticas ao despertar memórias corporais. No final de cada sessão, Clark conversava com seus clientes sobre o que foi vivenciado durante toda a experiência (Clark, 2021; Wanderley, 2002).

FIGURA 3 – ESTRUTURAÇÃO DO SELF



FONTE: CLARK, 1976⁶

⁶ CLARK, Lygia. **Estruturação do self**. 1976. 1 fotografia. 1024x703 pixels. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/14923/estruturacao-do-self>. Acesso em 13 set. 2023.

Clark entendia o self como a totalidade do ser, a união de corpo e mente, de inconsciente e consciente (Duarte, 2012), tendo como base a primeira tópica freudiana que define o aparelho psíquico como formado pelas instâncias inconsciente, pré-consciente e consciente, em que a primeira é formada por “[...] conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias [...]” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 388). Dessa maneira, o processo de se estruturar o self seria contínuo e jamais completo, visto que “[...] permanecerá a incompletude do ‘ser inteiro’ que continuará sem acesso ao recalçado.” (Duarte, 2012, p.6).

Essa constante busca pela integração de consciente com inconsciente era feita por Clark através do acesso ao que ela chamava de “Fantasmática do corpo” — espaço onde fantasia e realidade se fundem, onde o corpo guarda lembranças sensoriais que não chegaram à consciência através da linguagem (Almeida, 2013; Torralba, 2018; Wanderley, 2002). Rolnik (2006) afirma que a escolha de Clark pelo termo fantasmática se dá como uma referência ao conceito freudiano de fantasia, que diz respeito a realidade psíquica, a forma subjetiva como o sujeito entende a si mesmo e o mundo ao seu redor (Roudinesco; Plon, 1998). Clark acreditava que a experiência corporal promovesse novos sentidos em “[...] uma subjetividade marcada por trauma ou por um ideal de eu neurotizado [...]” (Torralba, 2018, p.192).

O público de Clark foi a elite carioca no cenário repressivo da ditadura militar (Almeida, 2017) e sua preferência era por sujeitos borderlines⁷, já que com eles não precisava “[...] se entediar com a monotonia da neurose, nem se esgotar com os terrores da psicose.” (Rolnik, 2015, v.1, p.110). Quando iniciou seus atendimentos, seus primeiros clientes chegaram por indicação de psicanalistas, assim como treinou e autorizou artistas, psicanalistas e psiquiatras a utilizarem seu método (Almeida, 2017; Wanderley, 2002).

Apesar de ter muito contato com a Psicanálise e a referenciasse em alguns momentos, chegando até mesmo seu projeto ser chamado de “pré-psicanálise” por

⁷ O borderline é visto pela psiquiatria atual como um transtorno de personalidade marcado por “um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos [...]” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 663).

alguns psicanalistas (Wanderley, 2021), Clark não seguia nenhuma teoria específica em sua terapêutica (Almeida, 2013) e dizia se sentir sozinha nessa fronteira entre arte e Psicanálise, visto que não foi bem aceita em nenhum dos dois meios na época (Rolnik, 2015). Clark (2021) continuou com o projeto Estruturação do self até 1987, um ano antes de falecer.

Um dos aprendizes de Clark foi o psiquiatra e artista Lula Wanderley (2002, 2021), que, inicialmente, montou seu consultório recebendo encaminhamentos feitos pela sua mentora de pacientes semelhantes aos que ela atendia. No entanto, com a chegada de um jovem com diagnóstico de esquizofrenia catatônica em sua clínica, Wanderley resolveu mudar o seu público-alvo e aceitou o convite de Nise da Silveira, psiquiatra junguiana precursora da Reforma Psiquiátrica Brasileira, para trabalhar no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, chamado hoje de Instituto Municipal Nise da Silveira.

No contexto da Reforma Psiquiátrica que denunciava os horrores dos manicômios, Wanderley (2002) entrou no hospital com a tentativa de compreender o sofrimento psicótico de forma sensível, criativa e humana, fugindo das práticas da psiquiatria tradicional. Criou lá uma sala que denominou de Espaço Aberto ao Tempo e nela recriou a obra de Lygia, realizando sessões com os Objetos Relacionais de forma semelhante a que Clark fazia no projeto Estruturação do Self, com os pacientes psicóticos que chegavam ao hospital, além de usar outras formas de expressão artística.

Sobre esse trabalho, Wanderley (2021, p. 36) expõe

[...] tornou-se até um instrumento de luta político-ideológica contra a existência desses insanos guetos com seus tratamentos desumanos. [...] Fascinou-me, desde o início do meu trabalho, a maneira com que pessoas com grave desestruturação do corpo e da linguagem tomam os objetos criados por Lygia como algo íntimo e familiar. Parecem não distingui-los dos objetos da vida cotidiana e aparentam ter o corpo aberto a tudo (cheio e vazio de tudo), capazes de perceber os movimentos imperceptíveis do mundo.

Para fazer uma leitura psicanalítica das experiências de Wanderley com os Objetos Relacionais de Lygia Clark, é necessário entender primeiro a perspectiva psicanalítica sobre a psicose, o que será feito na seção a seguir.

3 A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE A PSICOSE

Nesta seção, será apresentada a definição psicanalítica da psicose, seus fenômenos, sua relação com o corpo, suas possibilidades de estabilização e o manejo clínico.

3.1 A DEFINIÇÃO DA PSICOSE PARA A PSICANÁLISE

O termo psicose foi criado em 1845 pelo psiquiatra Ernst von Feuchtersleben para se referir aos doentes mentais. No contexto psicanalítico, a psicose apareceu nos escritos freudianos a partir de 1894. Todavia, é preciso ressaltar que Freud dedicou a maior parte de sua teoria à neurose, visto que julgava que a psicose seria de complexo ou impossível tratamento pela dificuldade de estabelecer a relação transferencial (Roudinesco; Plon, 1998).

Freud (2010a, v.10) realizou um único estudo sobre um caso de psicose, O caso Schreber, publicado em 1911, onde analisou a autobiografia do presidente Schreber, um psicótico paranoico. Um ponto importante dessa análise foi a mudança de perspectiva sobre o delírio, que deixou de ser um mero sintoma e passou a ser visto como uma tentativa de cura do psicótico. Freud (2010a, v.10) também passou a explicar a paranoia como uma organização projetiva contra a pulsão homossexual.

Em 1914, no texto Introdução ao narcisismo, Freud (2010b, v.12) estabeleceu que na psicose a libido seria retirada dos objetos (pessoas e coisas) e retornaria para o Eu, através da megalomania. Dez anos depois, após já ter reformulado a teoria psicanalítica com a segunda tópica que propôs o aparelho psíquico como formado pelas instâncias Id, Ego e Superego, Freud (2016b, v.5) publicou Neurose e psicose, em que afirmou que a psicose é o resultado de um conflito entre o Eu e o mundo externo e deixou uma questão em aberto sobre qual seria o mecanismo que seria responsável por esse conflito, de maneira semelhante ao recalque na neurose. No mesmo ano, com o artigo A perda de realidade na neurose e na psicose, Freud (2016a, v.5) determinou que tanto na neurose, quanto na psicose há um processo de perda da realidade, mas as diferenciou pela forma como é feito esse processo:

enquanto a primeira apenas ignora a realidade, a segunda a repudia e tenta substituí-la. Ainda, definiu o mecanismo da psicose como a rejeição (*verwerfung*).

A partir da releitura do psicanalista francês Jacques Lacan, a psicose passa a ser vista como uma estrutura clínica, assim como a neurose e a perversão. Essas três estruturas são diferenciadas pelo modo como negam a castração (Quinet, 2002), que por sua vez é um conceito freudiano acerca do “[...] sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (Roudinesco; Plon, 1998, p.105).

Antes de explicar sobre as estruturas, é preciso entender sobre os três registros lacanianos da realidade humana: imaginário, simbólico e real. Segundo o **Dicionário de Psicanálise** (Roudinesco; Plon, 1998), o imaginário diz respeito ao registro psíquico do ego, o lugar do sentido, das ilusões do eu e da fusão com o corpo materno; o simbólico é o lugar da função paterna, do significante e da linguagem; enquanto o real é o que não é possível de ser simbolizado ou transmitido, é o impensável.

Cada estrutura clínica tem um modo de negar a castração que repercute em uma forma de retornar o que está sendo negado. Na neurose, a negação do complexo de castração no simbólico é feita pelo recalque, que faz com que o sintoma retorne no próprio simbólico. Na psicose, o que é negado no simbólico pela forclusão (tradução que Lacan fez sobre o mecanismo que Freud chamava de *verwerfung*), retorna no real pelo fenômeno da alucinação. Já na perversão, a negação é feita pelo desmentido, sendo o simbólico o local de retorno através do fetiche (Quinet, 2002).

A psicose, então, é uma posição estrutural frente à castração que se dá pela rejeição total, a forclusão de um elemento da ordem simbólica: o Nome-do-Pai. O conceito Nome-do-Pai se refere ao significante da função paterna que tem o papel de encarnar a lei, impor limites e permitir que a criança adquira sua identidade, inserindo-a na linguagem, na cultura (Roudinesco; Plon, 1998). Independe da presença física do pai biológico, é o desejo da mãe, é tudo aquilo que a mãe deseja para além do bebê e faz romper com a relação simbiótica que existe no nascimento de um filho. O Nome-do-Pai deve assumir sua função simbólica até certa idade ou jamais será atuante, fazendo instalar a psicose (Fink, 2018).

Apesar da alucinação estar para a psicose assim como o recalque para a neurose e o desmentido para a perversão, ela não é um critério para o diagnóstico. A

psicose pode fazer parte de uma estrutura mesmo quando é desencadeada somente na vida adulta ou até mesmo quando o surto psicótico não ocorre, o que é chamado de psicose ordinária (Fink, 2018). Para o diagnóstico de uma psicose não deflagrada, o psicanalista precisa estar atento a outros fenômenos que serão descritos na subseção a seguir.

3.2 OS FENÔMENOS DA PSICOSE

Como consequência do fracasso da metáfora paterna, a psicose pode apresentar alguns fenômenos, sendo os principais a alucinação, os distúrbios da linguagem, a falta de controle das pulsões, a feminização e a não reescrita do corpo no simbólico (Fink, 2018). Nessa subseção, será feito um breve resumo sobre os quatro primeiros fenômenos aqui citados. Como o foco desse estudo está na relação da psicose com o corpo, o último fenômeno será detalhadamente explicado posteriormente na próxima subseção.

A alucinação é uma experiência sensorial sem que haja um percepto real. Conforme afirmado anteriormente, sua ausência não determina que o paciente não seja psicótico. Além disso, é importante considerar que a dificuldade em distinguir a realidade psíquica da realidade material não é uma característica exclusiva da psicose, na medida em que sujeitos neuróticos também podem se confundir sobre o que viram, por exemplo. A particularidade da psicose está na certeza de que sua “realidade” tem algum significado, alguma mensagem destinada a ele, o que não acontece com a neurose que é marcada pela dúvida, a insegurança e o questionamento de suas fantasias (Fink, 2018).

Já os distúrbios da linguagem são definidos por Lacan (1985, p. 284) como um traço essencial para o diagnóstico da psicose, afirmando que “se o neurótico habita a linguagem, o psicótico é habitado, possuído, pela linguagem”, como se o que é falado e pensado fosse proveniente a algo externo a ele. O psicótico não consegue assimilar a estrutura da linguagem e fazer o uso de novas metáforas em seu discurso. É comum que usem frases interrompidas e criem neologismos que não têm significado (Quinet, 2006).

A falta de controle das pulsões aparece porque no psicótico há um predomínio da função Id, instância regida pelo princípio do prazer, ou seja, pelos processos inconscientes que buscam instintivamente proporcionar prazer. O psicótico é predisposto a satisfação imediata e a ausência de culpa por não haver recalçamento. Seu inconsciente está a céu aberto, ou seja, não estruturado pela lei do recalque. É um sujeito amoral, pois não está inscrito na moral ou ética vigente (Fink, 2018).

A feminização é um efeito que frequentemente ocorre nos homens psicóticos pela ausência de simbolização da castração e, por consequência, do reconhecimento da falta fálica na mãe. Lacan (1998, p.572) afirma que “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens”, levando o psicótico ao empuxo-à-mulher. Schreber (Freud, 2010a, v.10), por exemplo, se via como a mulher de Deus. Existe uma tendência à transexualidade na psicose, o que não significa que todo transexual seja psicótico. Sobre esse fenômeno, Quinet (2006, p.39) explica

Por falta do falo enquanto significante que permite ao sujeito situar-se na partilha dos sexos, o psicótico não pode dar significação de virilidade ao seu pênis, sendo este apenas um pedaço de carne [...]. Ele é levado à feminização por sua identificação imaginária com o falo, uma vez que as mulheres são mais apropriadas a representá-lo imaginariamente, como mostrou Fenichel com a proposta girl = phallus.

3.3 A RELAÇÃO DA PSICOSE COM O CORPO

O corpo é um dos caminhos que leva ao inconsciente e, por isso, é de grande importância para a Psicanálise. No entanto, os psicanalistas não se importam com o corpo físico de carne e osso, mas sim com a representação mental que se tem sobre ele e que é sempre distorcida, independente da estrutura clínica (Nasio, 2009).

De acordo com Souza (1991), é no imaginário onde nasce a imagem corporal e se tem a referência central do corpo. Esse registro, que é onde estão os sonhos e as fantasias, é construído a partir do que se sente e do que já foi sentido quando criança. A imagem inconsciente do corpo é formada pelas sensações corporais que o bebê experimenta antes do período em que ele tem domínio da linguagem e se reconhece no espelho, isso é, desde o seu período fetal até aproximadamente os três

anos. Até essa idade, o bebê é dominado pelo seu registro imaginário que é formado por todas as percepções que ele recebe dos seus cinco sentidos. No entanto, por volta dos seis aos dezoito meses, a criança passa pelo que Lacan chama de estágio do espelho, fase do desenvolvimento infantil em que o bebê reconhece sua imagem refletida no espelho, o que permite o nascimento da função do eu e a alienação em relação ao outro, além da reestruturação do imaginário pelo simbólico. Esse fenômeno não ocorre na psicose (Fink, 2018; Nasio, 2009).

Na psicose, sem a amarração simbólica do Nome-do-Pai, há uma proliferação do campo imaginário (Souza, 1991), que passa a coincidir com o simbólico, “[...] como se o ser se resumisse ao seu organismo ou à sua própria imagem” (Guerra, 2010, p. 35). Enquanto na neurose há uma reescrita do imaginário pelo simbólico, o que significa a substituição do registro imaginário das imagens, das percepções sensoriais e da fantasia pelo registro simbólico que é marcado pelo que os pais dizem sobre os filhos e a linguagem; na psicose, o imaginário continua a prevalecer e o simbólico é assimilado de forma semelhante ao imaginário por imitação de outros indivíduos (Fink, 2018).

O corpo imaginário na neurose é produzido pela linguagem que “[...] no exercício de sua função significante, escolha um e apenas um órgão para fazê-lo órgão-significante – falo-, deixando os outros em seu estatuto de realidade corporal” (Souza, 1991, p.26). O mesmo não acontece na psicose, em que a linguagem não elege um órgão como significante e todos os órgãos são afastados de sua realidade corporal. O corpo se torna inquieto, sem definição. Há uma ideia precária de si, uma autoimagem frágil (Fink, 2018).

Dentro da estrutura psicótica há três quadros clínicos: a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. A diferenciação desses quadros se dá pela forma como o desinvestimento libidinal dos objetos do mundo externo é compensada. Na paranoia, a energia libidinal se volta para o Outro⁸, na esquizofrenia para o corpo e na

⁸ Outro, grafado com a letra “o” em maiúsculo, é um conceito lacaniano. Refere-se a um lugar simbólico que determina o sujeito. É a lei, a linguagem e o inconsciente. Também pode ser escrito como grande Outro ou grande A. Quando escrito com “o” minúsculo, pequeno outro ou objeto pequeno a, remete-se a qualquer pessoa, um semelhante (Roudinesco; Plon, 1998). Durante o estágio do espelho na neurose, há uma alienação ao desejo do outro no imaginário, fazendo com que o Outro seja inconsciente e castrado. O mesmo não ocorre na psicose, que tem o Outro carente do significante do Nome-do-Pai e, por isso, onipotente, absoluto, gozador (Quinet, 2006).

melancolia ela se dispersa no eu, a partir da identificação que ocorre com a falta do pai. Desse modo, a relação da psicose com o corpo se torna mais evidente na esquizofrenia, que é marcada pelo autoerotismo. Entretanto, a questão corporal também pode aparecer nos quadros de melancolia e paranoia (Guerra, 2010; Quinet, 2009).

Em O caso Schreber, de 1911, anteriormente citado na subseção 3.1, Freud (2010a, v.10) encontrou diversos delírios corporais no relato de um paranoico. Schreber acreditava que seu corpo sofria milagres feitos por Deus que queria transformá-lo em mulher e fecundá-lo, para assim criar uma raça. Em seus delírios, seu cérebro estava amolecido, havia nervos de volúpia por todo seu corpo e perdera diversos órgãos vitais.

3.4 AS POSSIBILIDADES DE ESTABILIZAÇÃO E O MANEJO CLÍNICO NA PSICOSE

Conforme mencionado no início da seção, apesar de ter estudado o quadro psicótico, Freud (2017, v.6) era contra o método psicanalítico clássico, a associação livre, nessa situação por não ser possível estabelecer o vínculo transferencial com o analista, mas sinalizava a possibilidade de, no futuro, se modificar a técnica e acabar com essa contraindicação. É justamente isso o que Lacan (1985) fez ao defender a clínica das psicoses e propor que o analista deve exercer o papel de secretário do psicótico, escutando o que ele tem a dizer.

Contudo, Freud (2010a, v.10) apontava o delírio como uma tentativa de cura, como já referido na subseção 3.1. A metáfora delirante sinaliza uma busca do psicótico em estabelecer sentido e ocupar o espaço vazio da metáfora paterna (Fink, 2018). Segundo Guerra (2010), Lacan acrescenta a passagem ao ato e a obra escrita ou artística ao campo das possibilidades de estabilizações psicóticas. A passagem ao ato busca realizar a castração simbólica no real, enquanto a obra é um trabalho do real sobre o real. Guerra (2010) complementa que as sublimações criadoras, as identificações imaginárias e o tratamento terapêutico baseado no processo transferencial, seja com um analista ou com uma instituição, também exercem o mesmo papel: as sublimações criadoras por se aproximarem da metáfora delirante,

as identificações imaginárias por manter o sujeito apoiado a uma imagem de forma apaziguadora e o tratamento terapêutico por permitir a circulação social e o enlace simbólico.

O trabalho do secretário é acolher a produção delirante sem julgamentos e intervir na relação do psicótico com o Outro. O paciente paranoico atribui ao analista o lugar de Outro absoluto que tudo sabe sobre ele, cabendo ao analista se distanciar desse Outro, barrando-o. Já na esquizofrenia e na melancolia nem sempre há uma metáfora delirante e o analista opera “[...] a relação com um Outro despedaçado, estabelecendo um certo contorno significante mínimo que faça alguma aposta de sujeito.” (Stenner, 2023, p.113).

Apesar do CAPS, Centro de Atenção Psicossocial, ser formado não apenas por profissionais da Psicanálise, mas também de outras áreas, é possível enxergá-lo dentro da ética psicanalítica (Vitorino; Prudente, 2022). Para Stenner (2023), ao invés de meramente medicar e silenciar, o CAPS ocupa o lugar de Outro da psicose, acolhedor e mediador da relação de assujeitamento. Através das oficinas, grupos e ateliês, empenha-se em ouvir o sofrimento, construir sentido, criar vínculos, resgatar os direitos e a cidadania do psicótico, incluí-lo socialmente.

O CAPS surgiu como a maior conquista da Reforma Psiquiátrica iniciada no Brasil na década de 70 (Ribeiro, 2005), período em que o país também vivia uma redemocratização e reestruturação do sistema de saúde pública. Tal movimento criticava o tratamento vigente nos hospitais psiquiátricos que isolavam e silenciavam os loucos. Além disso, buscava tirar o protagonismo médico, fazendo aparecer outros saberes, como o da Psicologia (Vitorino; Prudente, 2022). Dessa maneira, o nascimento do CAPS se assemelha com o da Psicanálise, uma vez que ambos buscavam dar lugar àquilo que era negligenciado pela sociedade: o CAPS aos loucos exilados e a Psicanálise às históricas do século XIX (Ribeiro, 2005).

O trabalho de Lula Wanderley com os Objetos Relacionais de Lygia Clark no tratamento de pacientes psicóticos começou nesse mesmo contexto histórico e com os mesmos objetivos que o CAPS. O Espaço Aberto ao Tempo, local onde era realizado, foi transformado em um CAPS ligado ao Instituto Municipal Nise da Silveira em 2020 (Moraes, 2022).

4 OS RELATOS CLÍNICOS DE LULA WANDERLEY

Para refletir sobre o uso dos Objetos Relacionais de Lygia Clark na clínica da psicose sob a luz da teoria psicanalítica, foram escolhidos dois relatos clínicos do trabalho de Lula Wanderley (2002, 2021) no Espaço Aberto ao Tempo. Nos livros **O dragão pousou no espaço** (Wanderley, 2002) e **No silêncio que as palavras guardam** (Wanderley, 2021), o autor conta as histórias das experiências pessoais de seus pacientes com os Objetos Relacionais, preservando o sigilo médico com o uso de pseudônimos, de forma livre, distante da objetividade da linguagem científica e sem abordagem teórica psicológica para que o leitor possa fazer sua própria interpretação. A escolha dos casos clínicos para essa reflexão foi de forma arbitrária. Os casos não serão aqui transcritos, mas apresentados resumidamente.

O primeiro caso escolhido é o de Romilson, que está no primeiro livro de Wanderley (2002). Romilson era um homem de vinte e dois anos que passava pela segunda internação psiquiátrica quando conheceu Wanderley. Nessa ocasião, ele ficava o dia inteiro deitado na cama e se queixava de sentir um “vazio cheio” na região abdominal. A fala dele era marcada por frases sem sentido e, apesar de não ter nenhum problema orgânico com seus órgãos receptores de estímulos sensoriais, dizia que não enxergava, não ouvia e não sentia gosto ou cheiro. Ele tentou algumas vezes se machucar e acreditava que se comesse vidro ou pedra ficaria curado, mas era impedido pela mãe e enfermeiras de realizar tal ato.

Durante as sessões com os Objetos Relacionais, Romilson passava por diversos delírios corporais: sentia que havia um papagaio-pipa dentro de sua barriga, agulhas saindo de seu umbigo, um boneco explodindo em seu tórax e ossos do crânio de uma vaca morta no lugar de sua cabeça. Ele também relatava sentir o corpo todo vazio, com buracos onde os objetos se alojavam, fazendo com que os Objetos Relacionais fossem incorporados nele.

Romilson dizia que “os pesinhos ajudavam”. Aos poucos, foi sentindo que seu corpo já não era mais tão vazio porque os Objetos Relacionais criaram órgãos onde antes não havia nada. Acreditava que sem o tratamento morreria. Com a melhora, Romilson foi liberado da internação, não ficava mais paralisado na cama, passou a andar na rua, frequentar uma igreja e ter desejos sexuais, o que não acontecia antes.

O outro caso selecionado é o de Pedro, sem idade definida, que está no segundo livro de Wanderley (2021). Pedro fugiu de casa quando era adolescente na Bahia, mudou-se para Minas Gerais e depois para o Rio de Janeiro. Tinha pouco contato com outras pessoas e era muito calado. Mesmo em dias de calor, ele cobria seu corpo com blusas de frio, meias e luvas por ter delírios corporais em que via suas mãos, pés e rosto se transformarem, ficando iguais às das mulheres.

Pedro trabalhava em um laboratório fotográfico e, quando ficava sozinho no local à noite, gostava de tirar fotos do próprio corpo. No relato, não é mencionado se ele chegou a passar por alguma internação psiquiátrica. Pedro procurou Lula Wanderley por vontade própria após ver uma notícia no jornal sobre o tratamento oferecido.

As sessões de Pedro com os Objetos Relacionais duraram aproximadamente oito meses. Ele associava o toque dos objetos ao toque de sua mãe e tinha delírios de uma relação incestuosa com ela. As angústias de Pedro com o próprio corpo diminuíram, mas nunca se cessaram. Ele conseguiu estabelecer mais vínculos sociais: passou a estudar e praticar filosofia oriental com um grupo de amigos, participou de grupos de teatro amador e criou estamparias para roupas.

De maneira semelhante ao que fizera em tenra idade, após o tratamento com Wanderley, Pedro se mudou diversas vezes, chegando a morar no México, Israel e Suécia. Em todas as vezes que se desestabilizava emocionalmente e voltava a ter delírios corporais frequentes, ele retornava para o Rio de Janeiro a procura de Wanderley, como se o médico fosse um porto seguro, um lugar de refúgio.

As vivências corporais e o isolamento social que Romilson e Pedro passavam antes das sessões com os Objetos Relacionais são características típicas da esquizofrenia (Quinet, 2009). No caso de Romilson, aparece tentativas de automutilação que também são comuns na psicose como uma tentativa de efetuar no real a operação da castração que não ocorreu no simbólico (Quinet, 2006). O fenômeno da feminização parece acontecer em Pedro que vê o corpo se transformando em mulher. Os delírios incestuosos e a associação que ele faz entre os Objetos Relacionais e a figura materna durante o tratamento com Wanderley também são aspectos da psicose, onde não há entrada do pai que separa a mãe da criança (Fink, 2018).

Ainda que Wanderley (2021, p. 43) não se identifique como psicanalista e não relate ter contato com as teorias freudiana e lacaniana, ele se aproxima da ética da Psicanálise ao defender que o delírio psicótico não deve ser silenciado através da medicação, mas compreendido como uma “[...] comunicação estruturante [...]”. Para o autor, “[...] mesmo no intenso tumulto de emoções, há sempre um outro lado dos sintomas a ser compreendido, há sempre a possibilidade de uma comunicação a ser realizada [...]”. Dessa forma, Wanderley (2002; 2021) incentiva os relatos delirantes de seus pacientes durante as sessões e defende que os Objetos Relacionais ganham um significado dentro dos corpos, ou seja, no interior imaginário do sujeito, reestrutura a ordem interna deles e ajuda a construir um “eu”. Estaria Wanderley propondo o uso dos Objetos Relacionais para a construção de uma metáfora delirante?

Embora o Espaço Aberto ao Tempo ainda não fosse um CAPS durante o período em que Wanderley trabalhou nele, ele já seguia a lógica dessa instituição e tinha como um dos principais objetivos promover a autonomia dos pacientes.

Aprendi no Espaço Aberto ao Tempo que a construção da autonomia de uma pessoa em grave sofrimento psíquico (que é nossa função enquanto terapeutas) passa pela reconstrução de diversas autonomias que, na verdade, são indissociáveis. A duas delas me interessa estar atento: a construção da autonomia social e a construção da autonomia diante do sofrimento. A primeira faz inserir o sujeito nos valores sociais que determinam sua presença na cidade, sem perder de todo a originalidade construída pelas vivências psicóticas; a segunda o torna mais criativo diante de uma crise para suportá-la e ter clareza em pedir ajuda, apontar quando e como deve ser acolhido. (Wanderley, 2021, p.28)

No final dos relatos clínicos, os pacientes conseguem uma melhora em suas angústias corporais e na convivência social, indicando que pode ter acontecido uma estabilização da psicose. Para a Psicanálise, a estabilização ocorre quando o psicótico cria um sistema de significados capaz de estabelecer a relação entre significado e significante, de se manter unificado (Fink, 2018). Tal processo, que pode realizar-se através do ato, da obra, da metáfora delirante, da identificação ou da transferência (Guerra, 2010), dá uma significantização do gozo, que possibilita ao psicótico se representar no significante como um sujeito e estabelecer laços sociais (Quinet, 2009).

Apesar de não haver a produção de uma superfície material, como uma obra de arte em produções artísticas comuns, o uso dos Objetos Relacionais é uma criação artística, sendo que essa, para a Psicanálise, é vista como um trabalho no campo do real que permite que o esquizofrênico localize o gozo fora de seu corpo (Guerra, 2010). Além disso, é possível perceber um vínculo transferencial entre Wanderley e seus pacientes, principalmente com Pedro. Na perspectiva de Wanderley (2021), os Objetos Relacionais trazem de volta o corpo à consciência de si e produzem contornos em corpos esquizofrênicos que antes não havia a ancoragem de bordas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs refletir sobre o uso dos Objetos Relacionais de Lygia Clark no tratamento de pacientes esquizofrênicos a partir de uma leitura psicanalítica dos casos clínicos trabalhados pelo psiquiatra Lula Wanderley. Com essa finalidade, foi feita uma revisão de literatura sobre o trabalho de Lygia Clark, onde se constatou uma proximidade da artista com a Psicanálise através do contato que ela tinha com o meio psicanalista da época, o uso de termos psicanalíticos em seus textos e sua própria análise pessoal com Pierre Fédida. Dessa forma, foi percebido que, apesar de não se fundamentar em nenhuma teoria específica, Clark tinha objetivos semelhantes à de uma análise, compreender a angústia do sujeito pela emersão de conteúdos antes inconscientes e inacessíveis por meio da linguagem. No entanto, a produção de Clark era direcionada a sujeitos borderlines e o trabalho visava a reflexão sobre o uso dos Objetos Relacionais na clínica da psicose, fazendo necessário aprofundar-se sobre as peculiaridades dessa estrutura clínica na terceira seção.

Com a revisão bibliográfica dos textos de Freud, Lacan e seu comentadores, foi percebido que o corpo é um importante tema nos estudos psicanalíticos sobre a psicose, uma vez que delírios corporais são frequentes nessa estrutura clínica, principalmente no tipo clínico esquizofrênico, pela ausência de inscrição da figura paterna no campo simbólico e proliferação do campo imaginário.

A ausência de estudos prévios sobre o tema e de uma fundamentação teórica nos relatos clínicos, que eram apresentados por Wanderley de forma breve e superficial, impossibilitou que se chegasse a resultados definitivos sobre qual a

intencionalidade dos Objetos Relacionais na clínica da psicose. No entanto, foram percebidos pontos de aproximação entre o trabalho de Wanderley e a prática clínica psicanalítica, visto que ambos visam dar voz ao delírio, entendendo esse como uma tentativa de cura do psicótico, tal como Freud preconizou em seus estudos.

Espera-se que novas pesquisas possam ser desenvolvidas, não somente sobre o uso dos Objetos Relacionais, mas sobre todas as expressões artísticas que podem ser usadas como uma ferramenta terapêutica contrária à lógica manicomial de silenciamento, segregação e exclusão social.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. **Aspectos da Estruturação do Self de Lygia Clark**: perspectivas críticas. 248 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-18122013-143444/publico/aspectos_da_estruturacao_do_self_de_lygia_clark_perspectivas_criticas_eduardo_almeida.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.

ALMEIDA, Eduardo Augusto Alves de. Estruturação do self de Lygia Clark: uma terapia poética na ditadura militar brasileira. *In*: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: ARTE EM AÇÃO, XXXVI., 2016, Campinas. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2017. p. 666-678, Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/4_eduardo%20de%20almeida.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

BRUSSOLO, Primata Morgato. O desterritório de Lygia Clark: os objetos relacionais à luz de D. Winnicott. **Rabisco: revista de psicanálise**, v. 1, p. 173-180, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/70219886/O_desterrit%C3%B3rio_de_Lygia_Clark_os_Objetos_Relacionais_%C3%A0_luz. Acesso em: 28 set. 2023.

CARVALHO, Dirce Helena Benevides de. O corpo na poética de Lygia Clark e a participação do espectador. **Moringa**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 131-142, jul./dez., 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/11756>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista Col. Bras. Cir.**, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/CC6NRNtP3dKLGLPwcmV6Gf/?lang=pt#>. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>. Acesso em 12 set. 2023.

DUARTE, Paulo Sergio. Lygia Clark: Uma (não) artista fundamental. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v.50, n. 299, p. 1-7, dez., 2012. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/lygia-clark-uma-nao-artista-fundamental/>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FINK, Bruce. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. Sobre psicoterapia. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v.6. p. 58-73.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) relatado em autobiografia ("O caso Schreber", 1911). *In*: FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v.10. p.9-80.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. v.12. p.9-37.

FREUD, Sigmund. A perda de realidade na neurose e na psicose. *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a. v.5. p.249-256.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose. *In*: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016b. v.5. p. 242-248.

GUERRA, Andrea. **A psicose**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jaques. **O Seminário, Livro 3: As psicoses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jaques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *In*: LACAN, Jaques. **Escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MARQUEZ, Renata Moreira. Hélio Oiticica: desdobramentos do corpo no espaço. **Vivência**, Natal, v. 33, p. 67-75, 2009. Disponível em: <http://www.geografiaportatil.org/helio-oitica>. Acesso em: 27 fev. 2024.

MORAES, Carolina. Conheça centro psiquiátrico que usa terapia de Lygia Clark com concha e almofada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/conheca-centro-psiquiatrico-que-usa-terapia-de-lygia-clark-com-concha-e-almofada.shtml>. Acesso em: 13 set. 2023.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

QUINET, Antonio. **Teoria e clínica da psicose**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RIBEIRO, Alessandra Monachesi. Uma reflexão psicanalítica acerca dos Caps: alguns aspectos éticos, técnicos e políticos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 33-56, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/hGDJS7xXHdWJLP9mJp5GLnn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2023.

ROLNIK, Suely. Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 104-112, jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/20104>. Acesso em: 13 set. 2023.

ROLNIK, Suely. Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. *In*: DISERENS, Corinne; ROLNIK, Suely (orgs.). **Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOUZA, Neuza Santos. **A psicose**: um estudo lacaniano. 1. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

STENNER, Andréia. **Saber e psicose**: a instituição como o campo do Outro. 1. ed. Juiz de Fora: Siano, 2023.

TORRALBA, Ruth. A Fantasmática do Corpo de Lygia Clark: interfaces entre arte e clínica. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 16, p. 187-198, 2014. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjectividade/article/view/38545>. Acesso em: 28 set. 2023.

VITORINO, Lucas Ribeiro Vaz; PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo. A Psicanálise nos dispositivos de saúde mental: um tratamento possível com as psicoses. **Analytica**, São João del-Rei, v. 11, n. 21, p.1-17, jul.- dez., 2022. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4752/2993>. Acesso em: 30 set. 2023.

WANDERLEY, Lula. **O dragão pousou no espaço**: Arte contemporânea, sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WANDERLEY, Lula. **No silêncio que as palavras guardam**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.